

# A tradução e seus processos

Priscila Campolina de Sá Campello\*

Fábio Figueiredo Camargo\*\*

Em entrevista concedida ao programa Espaço Aberto da GloboNews, o tradutor brasileiro Paulo Henriques Britto afirma que “nada vai substituir o tradutor ‘humano’ no exercício da tradução literária [...]”. Essa afirmação nos remete ao fato de que a tradução é um processo de elaboração textual que precisa de um sujeito em constante movimento entre os textos de partida e de chegada, e também que seja alguém munido por uma gama de artefatos culturais bastante ampla. Nesse sentido, a tradução não é simplesmente uma elaboração maquínica, mas sobretudo um construto de relações humanas. Ao fazer uma tradução, o tradutor se vê às voltas com mundos outros e culturas, muitas vezes, bastante distintas de seu entorno. Assim, questões como os desafios, os obstáculos, os limites e as possibilidades advindas das traduções são temas recorrentes que precisam ser negociados durante o processo e compartilhados posteriormente. Considerando que cada texto coloca seu tradutor diante de escolhas e negociações entre o texto de partida e o texto de chegada, é de vital importância para os Estudos da Tradução que cada vez mais haja divulgação dos percursos tomados por esses sujeitos, que mais do que verterem um objeto textual de uma língua para outra, recriam textos e abrem o horizonte para novos autores, culturas e experiências. No presente número, recebemos contribuições que exploram o processo de tradução, tanto de textos teóricos e críticos sobre métodos e aspectos de tradução, quanto análises de questões tradutórias ou os “nós tradutórios” (ARAÚJO, 2014, p. 160) que ocorrem ao longo do processo de tradução de um determinado texto.

Os artigos presentes neste volume abarcam uma gama de estudiosos, referências nacionais e internacionais do campo dos Estudos da Tradução, tais como: Franco Aixelá, Hurtado Albir, Rosemary Arrojo, Francis Aubert, Mona Baker, Susan Bassnett, Walter Benjamin, Antoine Berman, Paulo

\* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Doutora em Literatura Comparada. Professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras. ORCID <https://orcid.org/0000-0001-8113-4606>.

\*\* Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Uberlândia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4482-9836>.

Henriques Britto, Tania Carvalhal, Haroldo de Campos, Jacques Derrida, André Lefevere, John Milton, Solange Mittmann, Gerson Neumann, Octavio Paz, Paul Ricouer, Friedrich Schleiermacher, Lawrence Venuti, e Adriana Zavaglia.

Os textos que abrem o volume são mais teóricos e versam, sobretudo, da feitura de uma possível tradição tradutória a partir de uma cronologia desses estudos e dos textos primordiais que tratam sobre o ato de traduzir, e, nesse sentido, o arco é representado por duas pontas: uma, Walter Benjamin e seu texto seminal sobre a tarefa do tradutor, e, na outra ponta, Jacques Derrida e seu modo de desconstruir as próprias bases de onde partem seus escritos.

O artigo “*A tarefa do tradutor*, de Walter Benjamin e sua rede dialética com as principais teorias da tradução surgidas no século XX”, de Enio Gontijo Lacerda, estabelece uma relação entre as várias correntes teóricas surgidas na modernidade concernentes à tradução de obras literárias com o ensaio *A tarefa do tradutor*, ao considerar que o ato da escrita também pode ser um ato tradutório. O autor aponta que a escritura hermética e rizomática de Benjamin oferece inúmeros veios e incursões a seu leitor, o que favorece uma diversidade de interpretações, desde as mais conservadoras às mais radicais.

Já Thaís Fernandes dos Santos, no artigo *Sobre a tradução em Jacques Derrida*, reflete acerca das contribuições do pensamento de Derrida. As noções de relevância e de fidelidade em tradução são trazidas para a reflexão da autora, que utilizou trechos da *Gramatologia* e de alguns ensaios, dentre eles, *O que é uma tradução ‘relevante’?*, para fomentar a discussão proposta.

Em seguida, há uma diversidade de textos que discutem tanto traduções literárias quanto traduções de outros gêneros textuais, como histórias em quadrinhos, jogos eletrônicos e como a mídia faz um trabalho de tradução ao tratar de questões políticas.

No artigo *As vozes do discurso indireto livre em Tradução*, as autoras Cecília Fischer Dias e Karina de Castilhos Lucena analisaram o romance *Disgrace*, de J. M. Coetzee e sua tradução para o português brasileiro, *Desonra*, de José Rubens Siqueira, enfocando palavras e trechos em outros idiomas, que não o principal do romance, para verificar como o uso de explicações no discurso indireto livre leva à suspensão da tensão entre a voz do narrador e a do personagem e, assim, comprovar que o romance na

periferia seria uma conciliação entre enredo estrangeiro, personagens locais e voz narrativa local.

Em sequência, Cynthia Beatrice Costa, em “*Dom Casmurro* por John Gledson: notas de rodapé do tradutor como literatura de viagem”, aponta para a possibilidade de traçar paralelos entre o tradutor e o viajante ao propor uma inter-relação entre notas de rodapé redigidas por tradutores literários e a literatura de viagem. O texto analisa 20 das 64 notas de rodapé assinadas pelo tradutor inglês John Gledson em sua tradução do romance *Dom Casmurro*, do brasileiro Joaquim Maria Machado de Assis. Para a autora, o tradutor de literatura pode participar ativamente do estabelecimento de contato entre leitores e um outro lugar/outra cultura por meio de suas notas, integrando-as, desse modo, ao gênero literatura de viagem.

Já no artigo “A tradução para o português dos socioletos literários da trilogia Fundação, de Isaac Asimov”, os autores Nilfan Fernandes da Silva Júnior e Daniel Padilha Pacheco da Costa se centraram em algumas das variedades sociolinguísticas utilizadas na tradução da trilogia, considerada um clássico da ficção científica futurística: *Fundação, Fundação e Império* e *Segunda Fundação*, de Isaac Asimov, realizada por Fábio Fernandes e Marcelo Barbão. Segundo os autores do artigo, para compor personagens e civilizações mais verossímeis, Asimov fez uso literário de diferentes variedades sociolinguísticas, segundo a noção de socioleto literário. No artigo foram analisados o tecnoleto religioso dos sacerdotes e o dialeto rural do personagem Narovi.

Priscila Campolina de Sá Campello e Roberto Carlos Geraldo Junior buscaram apresentar em Caminhos possíveis no processo tradutório do conto “*He had dreamed of returning*” (“Ele sonhara em voltar”), de Pauline Kaldas, os caminhos percorridos pelos tradutores durante o processo tradutório do conto *He had dreamed of returning*, de autoria da escritora árabe-estadunidense Pauline Kaldas. Buscou-se apontar como o contexto cultural é relevante para as tomadas de decisão durante o processo, assim como as escolhas fazem parte de um exercício também de natureza criativa.

Juliana Cristina Salvadori e Daiane Alves Silva, em *Distopia e(m) paratradução: reescrevendo Margaret Atwood para o público brasileiro*, apresentam as traduções/reescritas de narrativas distópicas da escritora canadense Margaret Atwood, publicadas no Brasil pela Editora Rocco entre

os anos de 2000 e 2019. Analisam-se os paratextos (capas, contracapas e orelhas) para compreender como esses elementos reescrevem a escritora e suas obras para o público brasileiro, criando um cânone doméstico de sua produção. Com suporte do programa AntConc, observa-se nos paratextos que a escritora e as obras são associadas inicialmente ao gênero de ficção científica e posteriormente à ficção especulativa ou distopia.

E, por fim, dentre os artigos relacionados à tradução literária, o artigo “*Ecolalia* de Luís Quintais: para uma proposta de tradução como procura do esquecimento”, da tradutora italiana Gaia Bertoneri, analisa a obra do poeta português contemporâneo Luís Quintais, a partir da experiência tradutória do português para o italiano da antologia poética *Ecolalia*. Os poemas selecionados tomam como foco o papel da memória nos sujeitos afásicos. Bertoneri também busca observar como o esquecimento se torna importante para estudar a obra do poeta português e como a memória se revela eficaz quer na atividade de tradutores profissionais quer na proposta de tradução do português para o italiano aqui apresentada.

Na parte final deste volume, temos o artigo “Traduzindo em Quadrinhos: Tradução e Análise da Graphic Novel *Something is Killing the Children*, escrita por James Tynion IV e ilustrada por Werther Dell’edera”, de autoria de Ícaro Silva Gonçalves e Aline Cantarotti, cujo foco foram as histórias em quadrinhos, conhecidas também como HQs ou *Graphic Novels*, cujo espaço tem se elevado e popularizado em diferentes âmbitos sociais e culturais, devido principalmente a interesses mercadológicos. Partindo dessa constatação, o artigo considerou as especificidades do meio, do gênero e dos elementos culturais e gráficos para análise do processo tradutório específico da HQ *Something is Killing the Children*.

Assim como o texto anterior, o artigo, “Tradução e localização de jogos eletrônicos: o potencial criativo dos tradutores”, de Marileide Dias Esqueda e Gabriel Albuquerque Ferreira, também aborda um produto que compõe um mercado crescente e especificamente multibilionário. A partir do trabalho de tradução e localização do jogo *Spelunky Classic HD* no par linguístico Inglês-Português Brasileiro, os autores descrevem e analisam desafios importantes que o tradutor pode encontrar na localização de jogos eletrônicos, objetivando contribuir para o trabalho de futuros tradutores.

Fechamos nossos textos, com o artigo “Tradução em contexto de crise: uma abordagem narrativa”, no qual Junia Claudia Santana de Matos,

Ana Carolina Justiniano e Patrick Rezende trouxeram para a discussão os modos como se dá a disputa entre narrativas concorrentes a partir de atos de tradução que inscrevem o conflito resultante tanto das lacunas interculturais entre participantes quanto – e sobretudo – resultante da economia política da violência étnico-racial, de gênero e sexual, na sociedade de classes. Os autores analisam traduções intra e interlinguais feitas por coletivos voluntários como prática contradiscursiva às narrativas veiculadas pelo oligopólio midiático brasileiro ao longo do processo de consolidação do golpe de 2016 no Brasil, entre março e agosto de 2016.

Não obstante a heterogeneidade dos textos aqui reunidos, percebe-se a convergência entre eles ao pensarem na importância da tradução como um exercício humano, demasiadamente humano, em que se apresentam sempre o olhar de quem traduz somado às possibilidades de escolha/seleção do outro transmutado em eu. Desse modo, convidamos você, leitor, a desfrutar conosco do poder que a tradução e seus movimentos podem fornecer ao tradutor e a seus leitores.

## Referências

ARAÚJO, L. B. A. F. de. Os percalços da tradução literária: a busca pelo sentido através e além da palavra. **Cadernos do CNFL**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 10, p. 153-167, 2014.